

# AS PAISAGENS SONORAS COMO FERRAMENTA NO DESPERTAR GEOGRÁFICO

*THE SOUNDSCAPES AS A TOOL ON THE GEOGRAPHIC AWAKENING*

## UGO PATE MEDEIROS

*Mestre em Geografia (PUC-Rio)  
Professor do Colégio Logosófico  
ugopmedeiros@hotmail.com*

**RESUMO:** O TRABALHO DEBATE COMO AS PAISAGENS SONORA (SOUNDSCAPES) PODEM SER IMPORTANTES FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS NA "EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA", A DITA GEOGRAFIA ESCOLAR. INCENTIVAR O SILÊNCIO EM SALA DE AULA E ESCUTAR OS DIFERENTES SONS E SEUS RESPECTIVOS EMISSORES EM UM MUNDO CADA VEZ MAIS URBANO E COM POLUIÇÃO SONORA (LO-FI). PARA TAL MISSÃO, INICIA-SE COM UM HISTÓRICO SOBRE A ORIGEM DO TERMO SOUNDSCAPE, DESENVOLVIDO PELO CANADENSE MURRAY SCHAFER EM 1977, E SEUS DESDOBRAMENTOS POR AUTORES COMO FELD (2018) E SANTOS (2006). CUMPRIDO O PRIMEIRO OBJETIVO DA PESQUISA, QUESTIONA-SE COMO INSERIR TAIS PRÁTICAS NÃO ORTODOXAS EM CURRÍCULOS ENGESSADOS. OU SEJA, PREGA-SE A NECESSIDADE DO DIÁLOGO DA GEOGRAFIA TRADICIONAL COM NOVAS PRÁTICAS QUE OXIGENAM O ENSINO-APRENDIZAGEM (VILELA, 2016; MARINO, 2018). A APRENDIZAGEM DE CONCEITOS BASILARES DA GEOGRAFIA, COMO PAISAGEM E LUGAR, A PARTIR DE UMA ABORDAGEM SONORA E MUSICAL NÃO ROMPEM NECESSARIAMENTE COM MÉTODOS JÁ CONSOLIDADOS, AGREGAM APENAS NOVAS PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR E NO COTIDIANO ESCOLAR. AFINAL, ASSOCIAR ÀS PAISAGENS VISÍVEIS CERTOS SONS, RECONHECENDO SUAS ORIGENS, E AOS LUGARES MÚSICAS QUE CARREGAM UMA COERÊNCIA HISTÓRICA DESDE A SUA CONCEPÇÃO OFERECEM AO ALUNO UM IMPULSO CRIATIVO. AQUI É PROPOSTO UMA SINERGIA ENTRE O CONTEMPORÂNEO E O TRADICIONAL, GERANDO UMA INOVAÇÃO DE FATO, NÃO SUPÉRFLUA QUE TRANSCENDA A MERA APARÊNCIA TECNOLÓGICA.

**PALAVRAS-CHAVE:** PAISAGEM SONORA; MÚSICA; EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA; PRÁTICAS PEDAGÓGICAS; CURRÍCULO.

**ABSTRACT:** THE WORK DISCUSSES HOW SOUNDSCAPES CAN BE IMPORTANT PEDAGOGICAL TOOLS IN GEOGRAPHIC EDUCATION, THE SO-CALLED "SCHOOL GEOGRAPHY". ENCOURAGE SILENCE IN THE CLASSROOM AND LISTEN TO DIFFERENT SOUNDS AND THEIR RESPECTIVE ORIGINS IN AN INCREASINGLY URBAN WORLD WITH NOISE POLLUTION (LO-FI). FOR THIS MISSION, IT BEGINS WITH A HISTORY OF THE ORIGIN OF THE TERM SOUNDSCAPE, DEVELOPED BY THE CANADIAN MURRAY SCHAFER IN 1977, AND ITS DEVELOPMENTS BY AUTHORS SUCH AS FELD (2018) AND SANTOS (2006). HAVING FULFILLED THE FIRST OBJECTIVE OF THE RESEARCH, THE QUESTION ARISES HOW TO INSERT SUCH UNORTHODOX PRACTICES INTO RIGID CURRICULA. IN OTHER WORDS, THE NEED FOR DIALOGUE BETWEEN TRADITIONAL GEOGRAPHY AND NEW PRACTICES THAT ENRICH TEACHING-LEARNING IS PREACHED (VILELA, 2016; MARINO, 2018). LEARNING BASIC CONCEPTS OF GEOGRAPHY, SUCH AS LANDSCAPE AND PLACE, FROM A SOUND AND MUSICAL APPROACH DO NOT NECESSARILY BREAK WITH ALREADY CONSOLIDATED METHODS, THEY ONLY ADD NEW PERSPECTIVES IN THE BACKGROUND OF EDUCATORS AND IN EVERYDAY SCHOOL LIFE. AFTER ALL, ASSOCIATING CERTAIN SOUNDS TO VISIBLE LANDSCAPES, RECOGNIZING THEIR ORIGINS, AND PLACES TO MUSIC, THAT HAS CARRIED A HISTORICAL COHERENCE SINCE ITS CONCEPTION, OFFERS THE STUDENT A CREATIVE IMPULSE. HERE A SYNERGY BETWEEN THE CONTEMPORARY AND THE TRADITIONAL IS PROPOSED, GENERATING A REAL INNOVATION, NOT SUPERFLUOUS, THAT TRANSCENDS THE MERE TECHNOLOGICAL APPEARANCE.

**KEYWORDS:** SOUNDSCAPE; MUSIC; GEOGRAPHIC EDUCATION; PEDAGOGICAL PRACTICES; CURRICULUM.

*“Nos sons da folha de capim há mais do que sonoridades” (Pierre Schaeffer)*

*“No vocabulário onomatopaico, o homem harmoniza-se com a paisagem sonora à sua volta fazendo ecoar seus elementos. A impressão é absorvida; a expressão é devolvida. Mas a paisagem sonora é demasiado complexa para ser reproduzida pela fala humana. Assim, somente na música é que o homem encontra verdadeira harmonia dos mundos interior e exterior. Será também na música que ele criará os seus mais perfeitos modelos da paisagem sonora ideal da imaginação” (SCHAEFFER, 1997, p. 70)*

## INTRODUÇÃO

A paisagem é um conceito espacial de alto valor à Geografia, nela está registrada toda a dinâmica da sucessão histórica (e pistas do devir) entre homem e ambiente. Interpretá-la é capcioso e requer um *background*, afinal é produto dialético das esferas social, cultural e natural (MALANSKI, 2015). Porém o sujeito investigador não está, por isso, imobilizado em um único método, uma abordagem padrão.

A pintura em perspectiva renascentista criou uma janela que, a partir da percepção e da imaginação do artista, revelava diversos elementos paisagísticos (CLAVAL, 2014; BESSE, 2004). Através da visão, espectadores, leigos ou com maior preparo intelectual, adquiriam maior compreensão espacial.

Apesar dos olhos identificarem e apreenderem grande parte das informações que constituem a realidade sólida, não devem, de forma alguma, possuir um tipo de predileção ou monopólio sensitivo. Audição, olfato, tato e paladar complementam o entendimento espacial iniciado pela visão. Torres e Kozel (2010, p. 126) lembram que

*Para Tuan o mundo é percebido pelo ser humano simultaneamente através de todos os sentidos, sendo imensa a informação potencialmente disponível. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizada somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar (TUAN, 1980, p. 12).*

Cheiros, sabores e texturas ajudam na compreensão espacial, sim, mas o trabalho focará

nas paisagens formadas pelos diferentes sons do cotidiano, não necessariamente música, sobretudo aqueles mascarados pelos ruídos, passados despercebidos, já esquecidos.

A música, pela natureza interdisciplinar (CORREIA, 2010; FERREIRA, 2002), é tema de análises e estudos, afinal é inerente ao ser humano. Os pais cantam para o bebê ainda em gestação, rituais e sacramentos são realizados com o seu auxílio, a morte é sacramentada pela marcha fúnebre de Frédéric Chopin<sup>1</sup>. Na Geografia, autores como Carney (2003), Kong (2009), Panitz (2012) e Pate Medeiros (2020a) oferecem uma rica bibliografia a fim de trabalhar o espaço por uma perspectiva cultural e humanista, estas leituras são essenciais, ótimos pontos de partida, àqueles que visam relacionar Geografia e música. Neste sentido, Torres e Kozel (2010, p. 128) afirmam que

*A música de um lugar pode oferecer ao estudo geográfico elementos para a leitura do compartilhamento e da construção da memória e dos símbolos nele existentes, visto que ela, segundo Carney (2007, p. 145), tanto reflete quanto influencia as imagens que as pessoas possuem de lugares e a forma como essas imagens mudaram significativamente as atitudes das pessoas para com esses lugares.*

Outros trabalhos, como Muniz (2012), Fuini (2013), Pate Medeiros (2020b), Delmiro *et al.* (2020), Pate Medeiros e Da Silva (2023) e Pereira e Serpa (2021), relacionam música e educação geográfica. Suas pesquisas apresentam outras possibilidades no exercício da Geografia em sala de aula, novos desafios didáticos que não invalidam o tradicional. Ou seja, a música convencional é recorrente nesta ciência.

Agora, qual seria a reação de um observador externo ao notar o quadro em branco, livros e cadernos fechados, ambiente escuro e... silêncio. Aliás, qual o valor do silêncio? Há algo como uma Geografia do silêncio? Ainda em tempo, o quão assustados ficariam o coordenador e os pais? Estes questionamentos introdutórios indicam a essência desta investigação e a sua questão principal:

como as paisagens sonoras podem despertar o conhecimento geográfico?

O trabalho discutirá o conceito de paisagem sonora (*soundscape*), tema de interesse à musicologia e à antropologia, apoiado no protagonismo de Schafer (1997) e com a colaboração de Santos (2006) e Torres e Kozel (2010). A superprodução de sons no meio urbano-industrial (TORRES e KOZEL, 2010; SCHAFFER, 1997) demonstra que toda música está inserida em uma paisagem sonora, mas nem toda paisagem sonora é, em última instância, música.

Uma vez consolidada esta noção, defender-se-á sua utilização pela educação geográfica, na dita Geografia escolar, uma vez que, segundo Malanski (2015), “(...) os estudos sobre paisagem possibilitam ao estudante compreender, em partes, a complexidade do espaço geográfico, pois ela é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos, da cultura e da transformação da natureza” (PUNTEL, 2007, p. 16127). O autor ainda argumenta que

*A geografia escolar está aberta a uma variedade de recursos para apoiar, diversificar e facilitar a prática pedagógica e os processos de ensino e aprendizagem, buscando despertar o interesse dos estudantes e aproximá-los de diferentes formas de compreensão do espaço geográfico (MALANSKI, 2015, p. 16125)*

## AS PAISAGENS SONORAS

Dissertar sobre este tema implica, necessariamente, em buscar amparo no canadense Murray Schafer e em sua obra seminal *A Afinação do Mundo* (1997). Originalmente publicada em 1977, o autor “(...) apresentou pela primeira vez a hipótese geral de que as pessoas fariam, de alguma maneira, ecos de suas paisagens sonoras na linguagem e na música” (FELD, 2018, p. 233). Assim, Santos (2006, p. 13) explica que o termo *soundscape* foi criado por Schafer em analogia a *landscape* e refere-se a “qualquer ambiente sonoro

ou qualquer porção do ambiente sônico visto como um campo de estudos, podendo ser esse um ambiente real ou uma construção abstrata qualquer, como composições musicais, programas de rádio, etc” (SCHAFFER, 1977, p. 274-275).

O grande mérito de Schafer, apesar de não ter compromisso formal com a questão espacial característica à Geografia, foi mostrar que nessas paisagens sonoras não há uma ordem imóvel, mas um constante movimento, há velocidade nos *entre-elementos* que as constituem. Pois, tal qual os *relatos* de Certeau (1990) constroem incessantemente um jogo de relações mutáveis, esse fluxo sonoro permanente revela mais do que o mero reconhecimento dos emissores. Além do descritivismo, ouvir tais paisagens garantem ao sujeito a percepção extra-ordinária de camadas (*layers*) socioespaciais até então bloqueadas ao senso comum ocular (MALANSKI, 2015).

Essas novas assimilações garantem um reposicionamento simbólico, novas “sinapses” socioespaciais que expandem a compreensão da realidade. Feld (2018) defende que as “Paisagens sonoras são revestidas de significados por aqueles cujos corpos e vidas ressoam no tempo e no espaço social. Assim como as paisagens visuais, elas são fenômenos tanto psíquicos quanto físicos, construções tanto culturais quanto materiais” (CASEY, 1996, p. 235).

Portanto, assim como a representação pictural italiana e holandesa renascentista davam pistas daquele mundo, a leitura socioespacial baseada nos sons indica uma continuidade histórica, uma coerência das ações e do pensamento. Logo, não é possível simplesmente isolar, reduzir, um sentido subjetivo no tempo, pois há toda uma construção não-cartesiana, uma sucessão fluida (GUBERNIKOFF, 2005). Percebe-se que indivíduo e sociedade, cultura e natureza, espaço e tempo, estão interligados também pela questão sonora. Torres e Kozel (2010) são assertivos quando dizem que

*As paisagens sonoras concedem identidades aos lugares, e agem direta e constantemente em seus moradores na contribuição à perpetuação das falas e sotaques, dos gostos*

*musicais, e na evocação de paisagens do passado, o que reforça valores existentes em cada indivíduo, que pode contribuir para sua fixação em lugares distintos, e à criação do sentimento de pertencimento a eles, pelo fato de apresentarem sonoridades que concedem familiaridade na paisagem. (p. 125)*

Schafer (1997) também alerta para o perigo da mudança de uma sociedade *hi-fi* (*high fidelity*), em que é possível identificar os diversos sons, para uma *lo-fi* (*low fidelity*), com sobreposição e congestionamento sonoros. Ele comprova que a superprodução de sons, quando o ruído se tornou uma incômoda presença no meio urbano, foi fruto da Revolução Industrial. E, novamente, é correto associar a paisagem sonora industrial (técnica) e consequentes alterações no comportamento social (trabalho), “(...) o que realça o aspecto dinâmico e relacional desta categoria de análise (MALANSKI, 2011)” (MALANSKI, 2015, p. 16129). Schafer (1997, p. 99) registra que

*Antes da Revolução Industrial, o trabalho costumava estar associado à canção, pois os ritmos das tarefas eram sincronizados com o ciclo da respiração humana ou surgiam dos hábitos relacionados com as mãos e os pés. Mais adiante, discutiremos como o canto cessou quando os ritmos dos homens e das máquinas saíram de sincronia, mas não é prematuro chamar a atenção para a tragédia. Antes disso, os cantos dos marinheiros, as canções campestres e das oficinas davam o ritmo, que os vendedores de rua e as floristas imitavam ou cantavam em contraponto, numa vasta sinfonia coral.*

A introdução de novos sons no cotidiano urbano gerou uma troca sucessiva para uma paisagem sonora artificial “na qual os sons naturais estão se tornando cada vez mais não-naturais, enquanto seus substitutos feitos a máquina são os responsáveis pelos sinais operativos que dirigem a vida moderna” (SCHAFER, 1997, p. 135). É curioso notar que a indústria pesada, cada vez mais, foge

das regiões centrais (descentralização industrial), tornam-se menos *visíveis* à massa como outrora, entretanto seus ruídos (do maquinário, dos transportes, dos grandes eventos, da conurbação) permanecem presentes.

Murray Schafer não foi o pioneiro nas pesquisas musicais, tampouco dedicou-se ao ensino básico, mas seu esforço acadêmico expandiu os horizontes didáticos ao relacionar as transformações paisagísticas concretas e subjetivas através do som ao longo da história social. Ele atentou que sons banais também são, sim, agentes e condicionantes espaciais, por isso, de certa forma, aproxima-se de Certeau (1990, p. 209), já que o filósofo francês ressaltava que os *relatos* transcendem a descrição banal:

*Nessa organização, o relato tem papel decisivo. Mas “toda descrição é mais que uma fixação”, é “um ato culturalmente criador”. Ela tem até poder distributivo e força performativa (ela realiza o que diz) quando se tem um certo conjunto de circunstâncias. Ela é então fundadora de espaços.*

Após breve explanação sobre as paisagens sonoras e a fundamental contribuição de Schafer, é possível voltar ao ensino, especificamente à educação geográfica. Como trabalhar com esta temática em sala de aula? Com base nesta pergunta, desdobram-se outras duas: a música convencional (dodecafônica) é excluída do ensino-aprendizagem? Como justificar e acrescentar esta abordagem no, já saturado, currículo? Provavelmente este ensaio não será suficiente para responder de forma plena e satisfatória, todavia a energia empregada na tarefa já iluminará alguns pontos.

## O DILEMA CURRICULAR

Há apenas uma Geografia, “a” Geografia. Embora, grosso modo, fora dividida em duas. Redundância à parte, duas metades de um mesmo corpo que se complementam e partilham a vida do mesmo espírito: a Geografia desenvolvida por pesquisadores, de cunho acadêmico-científico, com relativo sta-



tus social (expectativa) e a Geografia escolar, mais do que nunca preocupada em manter-se socialmente pertinente (realidade). Essa Geografia considerada menor, inclusive por profissionais da área, alvo de constante cortes e remendos. Sob o argumento de deixá-la mais atrativa e contemporânea ao mundo esquizofrênico da informação, professores são encorajados, pela outra Geografia, a abdicarem de métodos considerados tradicionais, aqueles que prestam referências às descrições mais ortodoxas.

Partindo do princípio que não existe Geografia ruim, quando respeitada a natureza de sua origem epistemológica, é indispensável desenvolver a virtude do diálogo. Longe de trair a si mesmo, a negociação do tradicional com o inovador deve manter uma comunicação pacífica e participativa, crendo sempre que a ciência está em aperfeiçoamento. É a incessante busca da complexidade através da soma não-linear das diversas partes (MORIN, 2000).

Vilela (2016) é responsável por manter a essência deste debate. Em seu artigo, a pesquisadora defende a relevância da Geografia regional, para muitos uma abordagem datada e defasada. Ela relata que

*Com base em minha experiência, hoje percebo que no início da prática docente tinha muitas ‘certezas’ que negavam a forma tradicional da Geografia, considerando pouco produtivas as memorizações, descrições etc. Ao longo do tempo, percebi que, desde que inseridos em uma lógica mais complexa, tais recursos didáticos, considerados por muitos como alienantes e ultrapassados, podem ser muito produtivos no sentido de se chegar a percepções críticas do mundo (p. 38-39).*

Apesar de ela não tratar especificamente sobre paisagens sonoras ou música, o contexto da discussão serve para os objetivos do presente artigo. Porque, da mesma forma que a Geografia regional conserva um passado curricular ainda recente, também representa, paradoxalmente, a esperança pelo sopro de renovação, acima citado como *aperfeiçoamento*. Outra vez, o empenho, o exercício intelectual, pelo equilíbrio, não pelo isolamento:

*Desta forma, entendo que as inovações impulsionadas pela renovação do ensino da Geografia estão presentes nos currículos escolares atuais, porém, não sem terem sido ‘negociadas’ com as tradições existentes. Mais do que isto, com base em Ferreira (2005), permito-me arriscar a dizer que tais inovações só se tornam possíveis a partir de certas estruturas aparentemente estáveis. Em outras palavras, a ‘negociação’ com o tradicional – a abordagem regional, por exemplo – é o que vai garantir a existência de um currículo de Geografia mais crítico (Idem, p. 37).*

Registre-se, não é proposto aqui a novidade vazia, como uma tendência de moda, inócua ao desenvolvimento do raciocínio geográfico (MALANSKI, 2012; CAVALCANTI, 2019; PEREIRA e SERPA, 2021). Como alerta Marino (2018), o recurso tecnológico por si só pouco acrescenta ao ensino-aprendizado, é apenas uma embalagem nova para um conteúdo empoeirado,

*Assim, são alimentadas engrenagens oxidadas, criadas há vários séculos, e que permanecem fiéis as suas tradições de transmissão de conhecimentos emanados de currículos padronizados e estabelecidos em locais distantes a realidade vivenciada pelos discentes e docentes (p. 23).*

Retomando a perspectiva auditiva, e retornando ao clímax da discussão, métodos baseados nas paisagens sonoras (e suas variações musicais, convencionais ou não) podem adaptar-se aos currículos, pois a vitalidade intrínseca do novo não dispensará a experiência do clássico. O conteúdo, *per se*, atrativo da Geografia pode ganhar em emoção e criatividade ao abordar temas valiosos à ciência. Malanski (2015, p. 16125) é certo ao entender que

*A geografia escolar está aberta a uma variedade de recursos para apoiar, diversificar e facilitar a prática pedagógica e os processos de ensino e aprendizagem,*

*buscando despertar o interesse dos estudantes e aproximá-los de diferentes formas de compreensão do espaço geográfico.*

O despertar citado garante conceitos geográficos sólidos, tais como paisagem e lugar, além da identidade (que não é de sua exclusividade). O silêncio ruidoso da madrugada é a expressão de uma cidade com insônia, há sempre movimento. O silêncio absoluto é a negação da vida, justificando, assim, o medo do ser humano pela morte. Não há troca que supere a barreira do som, ou seja, o silêncio não existe na relação homem/ambiente. Schafer (1977, p. 354) é preciso ao ressaltar que

*O homem gosta de produzir sons para se lembrar de que não está só. Desse ponto de vista, o silêncio total é a rejeição da personalidade humana. O homem teme a ausência de som do mesmo modo que teme a ausência de vida.*

Deve-se agregar aos currículos não a música ou os sons, mas *onde* e *como* esses elementos estão inseridos nas diferentes paisagens e lugares, cada um com suas especificidades. Torres e Kozel dizem com razão que “A paisagem sonora é, dessa forma, apreendida e ao mesmo tempo transformada, diferentemente em cada localidade, em cada grupo, em cada cultura” (p. 128). Para tanto, a educação geográfica precisa ser discutida ao som de vozes firmes e seguras, por isso Marino (2018, p. 24) argumenta que

*É preciso a construção de novas abordagens, de práticas formativas que sejam centradas no movimento, na multiescalaridade, que reconheça as diferentes territorialidades e que sejam capazes de encarar os jovens em sua natural complexidade. Para tanto, é preciso que os currículos escolares sejam renovados, que novas abordagens dos conteúdos e temas sejam estabelecidas e que o novo, com suas diversas possibilidades, que ainda não nasceu, seja estimulado e incentivado a se desenvolver.*

É válido finalizar com o registro de Malanski (2012, p. 16127), ele diz que

*Se bem conduzidos, os estudos sobre paisagem possibilitam ao estudante compreender, em partes, a complexidade do espaço geográfico, pois ela é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos, da cultura e da transformação da natureza (PUNTEL, 2007).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Registrou-se inicialmente como os sentidos, além da visão, são essenciais à apreensão espacial, sobretudo a audição, a qual reage profundamente. Depois, uma rápida indicação de alguns autores amplamente reconhecidos pela abordagem cultural e humanista, outros que olham para essas obras consagradas como inspiração. Pontuou-se também escritos que associam música (linguagem interdisciplinar) e educação geográfica, pela tentativa de um ensino-aprendizagem mais dinâmico.

O conceito de paisagens musicais ganhou atenção especial, tal como o seu idealizador e principal referencial, Schafer (1997). Compreendeu-se que assimilar os diversos sons da paisagem contribuem ao entendimento socioespacial, uma vez que reflete passado e presente, escolhas e condições *a priori*. Discutiu-se também a mudança sonora (tecnológica) e social (trabalho) a partir da Revolução Industrial e, conseqüentemente, a questão *hi-fi* e *lo-fi*.

Debateu-se a questão curricular e o diálogo necessário e constante do novo e do tradicional, como o antigo ainda é dotado da capacidade de adaptar-se ao contemporâneo. A inovação não pode limitar-se a uma aparência tecnológica, mas de raiz supérflua. Defendeu-se aqui os conceitos geográfico, como paisagem e lugar, a partir de outras abordagens, experimentações.

## NOTA

<sup>1</sup> Terceiro movimento da Sonata para piano Nº 2 em si bemol menor, Op. 35.

## REFERÊNCIAS

- BESSE, Marc. As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas contemporâneas. In: BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo** - exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 7-66.
- CARNEY, George. **The Sounds of People and Places**. 4ª ed. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia** – ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- CLAVAL, Paul. A paisagem dos Geógrafos. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Paisagens, texto e identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.13-71.
- CORREIA, Marcos Antonio. A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação. **Educar**, Curitiba, Editora UFPR, n. 36, p. 127-145, 2010.
- DELMIRO, Klévia Lima; SILVA, Claudionor de Oliveira; GONZAGA, Soraya Oliveira. Geografia e educação: a música como metodologia no ensino da Geografia. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema (AL), v. 5, n. 1, jan./mar. 2020. DOI: <<https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v5i1-940>>.
- FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- FUINI, Lucas Labigalini. O ensino da Geografia e de seus conceitos através da Música. **Geografia**, Rio Claro, v. 38, n. 1, p. 93-106, jan./abr. 2013.
- GUBERNIKOFF, Carole. Música eletroacústica: permanência das sensações e situação de escuta. **OPUS**: Revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – ANPPOM, Campinas, ano 11, n. 11, p. 9-36, 2005.
- KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. **Cinema, Música e Espaço**. CORRÊA, Roberto Lobato et al. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- MALANSKI, Lawrence Mayer. Paisagens sonoras como recursos para a Geografia. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 12., Curitiba, 2015. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2015. p. 16125-16137.
- MARINO, Leonardo Freire. A falência do modelo escolar tradicional e a necessária construção de uma educação integral e comunitária. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 19-30, jul./dez. 2018. DOI: <<https://doi.org/10.33025/grgcp2.v5i10.2485>>.
- MUNIZ, Alexsandra. A música nas aulas de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 80-94, jan./jun. 2012.
- MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à Educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez / Brasília (DF): Unesco, 2000.
- SANTOS, Fátima Carneiro. **A paisagem sonora, a criança e a cidade**: exercícios de escuta e de composição para uma ampliação da ideia de música. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas (SP), 2006. DOI: <<https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2006.380893>>.
- SCHAFER, R. Muray. **A Afinação do Mundo**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- TORRES, Marcos Alberto; KOZEL, Salette. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em Geografia. **Revista RA'EGA**, Curitiba, Editora UFPR, n. 20, p. 123-132, 2010.
- PANITZ, Lucas Manassi. Por uma geografia da música: um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil. **Para Onde!?**, v. 6, n. 2, p. 1-10, jul./dez. 2012. DOI: <<https://doi.org/10.22456/1982-0003.36474>>.
- PATE MEDEIROS, Ugo. **A origem das paisagens musicais**: paisagens sonoras, As Quatro Estações de Vivaldi e o Romantismo. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020a. p. 1- 17. (NO PRELO).

PATE MEDEIROS, Ugo. Contextos musicais para o ensino de Geografia: o samba e o blues como ferramentas de construção das paisagens culturais no Brasil e nos Estados Unidos. **Revista Didáticas Específicas**, Madri, v. 23, p. 44-56, 2020b.

PATE MEDEIROS, Ugo; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. La gran migración en Norteamérica sur-norte y sus reflejos musicales bajo una perspectiva geográfica. In: SILVA, Augusto César Pinheiro da; FABREGAT, Clemente Herrero (Org.). **Dinâmicas socioespaciais em redes interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Selo Interseções, Editora PUC-Rio, 2023. v. 2, p. 94-120.

PEREIRA, Carolina Machado R. B.; SERPA, Ana Andreza A. A música como prática educativa no exercício do raciocínio geográfico. **Revista Eletrônica Educação Geográfica em Foco**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 9, p. 1-18, abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaeducacaogeograficaemfoco/article/view/1412>>.

VILELA, Carolina Lima. A abordagem regional como tradição do currículo da Geografia escolar. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 31-41, jan./jun. 2016. DOI: <<https://doi.org/10.33025/grgcp2.v3i5.1354>>.